Demônios Comuns

A luz atravessava o veludo por trás das minhas pálpebras fechadas como se ela fosse a própria degeneração do tecido, que se esgarçava aqui e ali, recompondo-se fugazmente e voltando a se esgarçar. Isso doía. Minha boca estava seca e a língua era um corpo estranho. Com os olhos cegos, eu via a minha posição, deitada e imóvel. A roupa que eu usava era a mesma de tantas noites. Tudo em volta estava do mesmo jeito de sempre. Ainda assim, nada era igual. Havia uma ausência de ruídos que machucava os tímpanos. E a velocidade da matéria ali estava alterada, as moléculas por sob a aparência imutável tinham enlouquecido e só simulavam normalidade como que para salientar a enorme diferença de sua atual composição.

Eu percebia que respirava. Podia sentir o ar frio penetrando minhas narinas, que o devolviam quente. A respiração para mim se manifestava principalmente pela dificuldade em inspirar. Cada sorvo de ar tinha que descolar os pulmões. Meus braços e pernas pesavam muito, como se sua massa tivesse aumentado mil vezes. Pareciam moldados no chão, unificados ao solo. Tanto que não podia movê-los. Recordei as experiências narradas por pessoas dadas como clinicamente mortas ao voltarem inesperadamente à vida. Elas viam luz, mas de olhos abertos. Elas flutuavam e observavam, do alto, seus corpos inertes. Mas eu via meu corpo sem sair dos seus limites e sentia-me morta, sabendo-me viva.

Pressenti uma presença muito próxima a mim, embora estivesse fora do alcance da percepção dos meus sentidos. Pressentimento. Antes, eu não poderia conceber como um termo que abrigasse concretamente tanta falta de exatidão e incerteza pudesse ter qualquer relevância. Neste momento, neste meu momento dolorosa e contraditoriamente solitário, ele era fulcral. Eu não poderia ter a comprovação daquela presença por meus próprios meios, não com aquela espécie de visão incorpórea, nem com a imobilidade que parecia agora meu estado natural. A não ser que acreditasse num pressentimento. E essa idéia me apavorava.

Onde estariam todas as minhas âncoras naquele instante? Minhas convicções não estavam me consolando mais. Meus amores, meus ódios, todos ausentes e eu, assim solta por dentro, vivia meu encarceramento absurdo e absoluto por fora.

Lentamente, algo começou a se dissolver. Eu não distinguia exatamente o quê, mas tinha uma consciência nítida da mudança, a princípio pequena, mas cada vez mais densa e volumosa. Eu não podia ver o que

estava acontecendo, embora pudesse sentir. Na verdade, deixar de sentir. Porque eram meus braços e pernas que se dissolviam. Ou era a superfície em que eu estava deitada que se desmanchava e progressivamente passava a me integrar. Eu não tinha mais nenhuma certeza sobre onde terminava meu corpo e onde começava o que já não era meu. Início e fim deixavam de constituir qualquer sentido. Eu era e não era a um só tempo, sem nunca ter querido isso, sem ter buscado e mesmo tentando evitar da maneira mais intensa que eu podia.

Não sei quanto tempo já passou. Talvez esteja perdendo os últimos resquícios de sanidade mental. A noção correta de tempo é muito importante como atestado dessa sanidade. Só que eu já não me lembro de qual tempo é que devemos ter noção. Também não me percebo mais una, indivisível e diferenciada. Sou tudo. Isso deve ser também perda de identidade. Porque, simultaneamente, sou esta que reflete sobre a perda. E que conclui que houve uma inversão total. Estou me sentindo viva, enquanto me olho, de longe, morta.

Josimey Costa da Silva
25/04/96